

# Discurso de Agradecimento

Benedito Nunes

23 de novembro de 2009

Muito me sensibiliza a decisão dos órgãos colegiados e dos dirigentes desta Universidade de me conferir o título de *doctor honoris causae*. Um ato generoso de vossa parte, como público reconhecimento de meu trabalho como professor e de minha faina como escritor. O resultado desse esforço não é senão muito papel impresso: treze livros publicados, quase todos tratando, grosso modo, de filosofia e de poesia. Mas isso não é irrelevante para quem faz do escrever um modo de viver.

Não obstante, fui e sou antes de tudo professor. E no ensino a melhor parte é falada e não escrita. O discurso do professor é dialógico. Não apenas exige a presença de outrem, mas a correspondência ou a consonância com ele. A palavra é sua pedra de toque sob a abóboda do silêncio, onde outra palavra, a do ouvinte, pode ressoar em diálogo. Ambos estão honrando o conhecimento que lhes é transmitido, e que, por sua vez, transmitem a outrem. Não só o conhecimento, que culmina na filosofia, mas também a trama de idéias e sensações por nós denominada de poesia ou arte poética. Entre as duas existe um nexo de complementação. Convém repetirmos o comentário de Albert Camus em *Le Mythe de Sisyphe*:

“Nunca se insistirá o suficiente na arbitrariedade da antiga oposição entre arte e filosofia. Se pretendermos entendê-la num sentido bem preciso, certamente ela é falsa(...) O artista, tanto quanto o pensador, compromete -se com a obra e se transforma dentro dela”.

Essa transformação do artista na obra alcança o espectador ou o leitor. Também esses podem experimentar, sob o influxo da arte, mudanças de ordem ética, nas quais perspassam exigências sociais e políticas. Já o estudo das ciências, sejam naturais sejam humanas, quando bem aprofundado, atinge um limiar esté

É certo que o conhecimento é limitado. Mas o que impulsiona, reabrindo-o, a cada passo, é a criação poética, que antecede e prepara o campo das ciências.

Tenho sempre associado poesia e filosofia em meus escritos. A primeira está na origem da segunda. Sem poesia, inexistente, como efeito da arte e do pensamento, a possibilidade da metamorfose moral e social do homem.

Não há separação estrita desses campos. O pensamento fecundo é o começo do artístico e a arte, quando grande, é pensamento em ação. Resta saber se ainda temos hoje a chamada grande arte, se ela já não é, como assegurava Hegel, coisa do passado.

O problema focal de nossa época, que envolve essa questão, talvez esteja na polarização do pensamento atual pela técnica ou, mais propriamente, pela tecnologia. A Filosofia tem-se interessado por esse tema. Segundo o elucidativo livro de Ortega Y Gasset, *Meditação da Técnica* (1963), a técnica é o dom dos inadaptados, como o homem, capaz de modificar as circunstâncias em que vive. É por isso que ele é *homo faber*, o ente que se inventa a si mesmo. *Man makes himself*, resume Gordon Childe. A princípio ele não sabe que inventa. Depois os artesões ou artífices tendem a conservar a experiência adquirida, organizando um sistema de artes e ofícios. Sobrevém em seguida a técnica do técnico, quando se fabrica o instrumento que pode fabricar tudo: a máquina. Ortega já se refere então à técnica avançada, à tecnologia, como ilimitada possibilidade de fazer.

Com essa ilimitada possibilidade de fazer, a mãe natureza parece desaparecer em proveito das coisas produzidas, tornadas mercadorias. Tudo é fabricável, tudo recai sob o ilimitado domínio da técnica. O estado errante, a aparente superficialidade da arte, nos dias de hoje, talvez resulte dessa tecnização do saber.

A arte não teria mais condições, já dissera Hegel em seus escritos de Estética, de satisfazer as necessidades de nosso espírito. Colocada sob esse ângulo, a questão que se nos depara não é eventual, passageira. Por uma ironia da História, ela resultaria do estado conflitivo e problemático da cultura Ocidental nos dias de hoje, na época do pleno fastígio da ciência moderna, quando já se cumpriu o princípio da *Instauratio Magna* de Francis Bacon, de que “ciência e poder humano coincidem”. Essa coincidência alerta-nos para o perigo de arrebatamento da ciência pelo poder. Contra essa ameaça, sempre iminente em nossa época, convém invocar e reatualizar o ensinamento de Rabelais, segundo o qual ciência sem consciência é um corrosivo da humanidade do homem.

Não só a arte, como a vivência da religião autêntica, difícil e rara, contrapõe-se a esse arrebatamento da ciência pelo poder. Sob esse ângulo, o verdadeiro poder da ciência pode emparelhar-se com o da filosofia e da poesia – um poder expansivo, feito de saber e de não saber, de conhecimento da realidade presente e de intuição das possibilidades futuras.

Belém, 19 de outubro, 2009



Benedito Nunes e o Título de Doutor *Honoris Causa*.



Benedito Nunes e Amarílis Tupiassú.





Tios, primo e pais  
de Benedito Nunes.

Foto: acervo Maria Sylvia Nunes, 1948

**X. Caderno  
Iconográfico**



Benedito, com um ano de idade e já com um livro nas mãos, ao lado de sua mãe, Maria de Belém. (Arquivo pessoal João Guilherme Vianna).



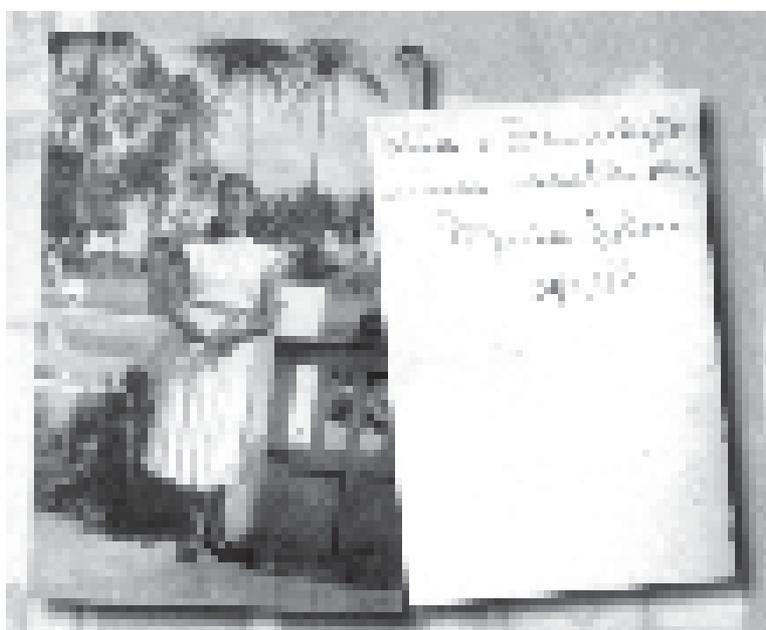
Benedito, em sua Primeira Comunhão. (Arquivo pessoal João Guilherme Vianna).



O menino Benedito. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



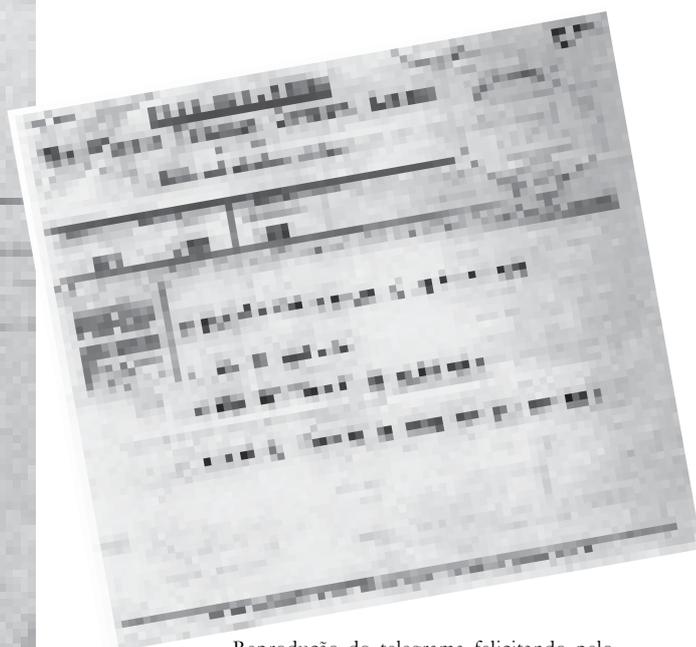
Da esquerda para a direita: Benedito Pádua Costa, Hermínio Pessôa, Elna Andersen, Epílogo de Campos, Milton Trindade, Mariazinha Campos, Joana Vianna, Andersen, Eva Andersen, Aarão Benchimol, Dulce Serra, Benedito Nunes, De Lourdes Vianna, Osvaldo Serra.  
(Arquivo pessoal Stella Pessôa)



Maria Sylvia e um bilhete para o namorado: “Para Benedito, uma careta da Maria Sylvia”. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Os jovens Benedito e Maria Sylvia.  
(Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Reprodução do telegrama felicitando pelo noivado, na noite de Natal, 1951. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).

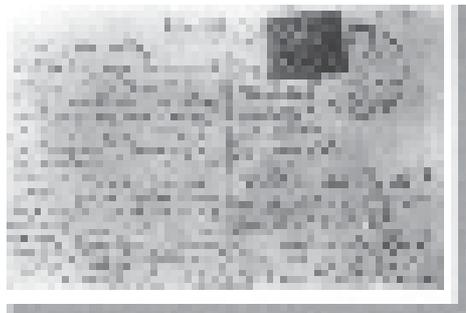
No dia do casamento: 10 de dezembro de 1952. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Família reunida, no dia do casamento de Benedito e Maria Sylvia (10.12. 1952)..Da esquerda para a direita. Atrás: Dodó e De Lourdes (tias de Benedito), tio Adrião(tio de M. Sylvia), Almir Fortes da Costa (marido de Celina , irmã de M. Sylvia) Celina (escondida), Joana(tia de Benedito), Ilka Faro, Haroldo Maranhão, Edgard Franco, Cléo Bernardo, Beatriz Castro Ribeiro, Francisco Paulo Mendes, Stella Castro Ribeiro, Mário Faustino. Na frente: Margarida Schivazzappa, Elisa Roffé, Mimi(mãe de M. Sylvia) Orlando Costa, Barreto Borges, Cursino Silva (pai de M. Sylvia). Sentados, no chão, Fernando da Costa, sobrinho de M. Sylvia. (Reprodução do livro *Mário Faustino: uma biografia*/Lília Chaves)



Central Hotel, local de efervescência cultural, frequentado por jornalistas, poetas, professores e críticos.  
(Reprodução do livro *Mário Faustino: uma biografia*/Lília Chaves)



Correspondência entre Mário Faustino,  
Haroldo Maranhão e Benedito Nunes.



Mário Faustino e  
Francisco Paulo Mendes.



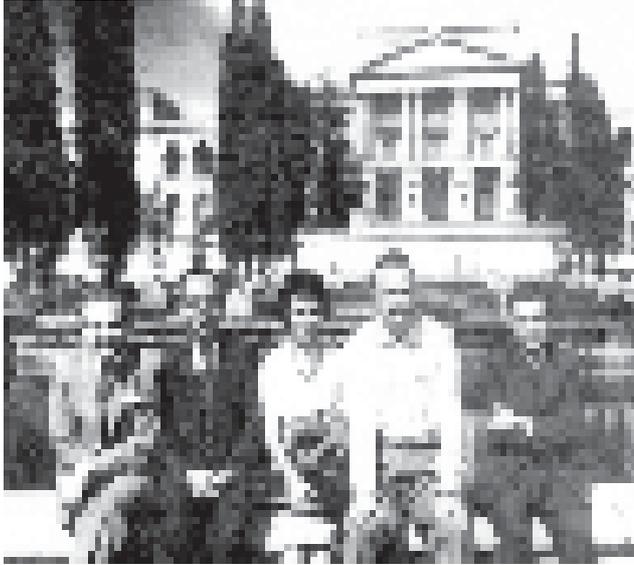
Festival de Teatro de Estudantes. Recife, 1959. Pascoal Carlos Magno, Maria Sylvia Nunes, Benedito Nunes. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



I Festival de Teatro de Estudantes do Brasil . Recife, julho de 1958. Da esquerda para a direita: Repórter, Paraguassú Éleres, Maria Sylvia Nunes, Wilson Penna, Fernando Penna, Waldemar Henrique, Maria Brígido, Carlos Miranda, Aita Altman, Benedito Nunes, Lindanor Celina, Lóris Pereira.



Maria Sylvia, Benedito e Max Boudin.1959. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Osman Lins, Joel Pontes, Themira Pontes,  
Décio de Almeida Prado, e Benedito Nunes. 1961.  
(Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Bené, Raimundo Moura e Ruy Barata.  
Rio de Janeiro, 1959. (Arquivo pessoal  
Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Haroldo Maranhão, Eneida, Ledo Ivo e Benedito. Porto Alegre. Congresso de Escritores. 1959. (Arquivo pessoal Maria Sylvia Nunes).



Benedito Nunes, Raymundo Moura e Cléo Bernardo. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Joel Pontes, Roberto Schwarz, Benedito Nunes e Themira Pontes. Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História literária. São Paulo, julho de 1961. (Arquivo pessoal Maria Sylvia Nunes).



II Encontro Nacional de Professores de Literatura: Affonso Romano de Sant'Anna, Pde. Mac Dowell, Benedito Nunes. 1975. PUC/RJ. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Pedro e Lúcia Maligo, com a filhinha; Benedito Nunes e David Jackson, no Texas. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Michel Foucault e Benedito Nunes, na praia do Marahu, ilha do Mosqueiro. Pa. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Assis, São Paulo, 1961. Na segunda fila, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Joel Pontes, Benedito Nunes (roendo as unhas). Na fila da frente: José Lino Grünewald, Haroldo de Campos, Augusto de Campos. (Arquivo pessoal Benedito e Maria Sylvia Nunes).



Francisco Paulo Mendes, Max Martins, um amigo e Maria Sylvia Nunes.



Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes e Rui Meira, na Casa da Linguagem. (Foto: Eduardo Kalif. Arquivo pessoal Dina Oliveira).



O amigo, poeta Max Martins, na casa da praia de Marahu, ilha do Mosqueiro. Pa



Max Martins, M. Sylvia Nunes, Dina Oliveira, Lilia Chaves, Chico Mendes, Bené Nunes e Ruy Meira na Casa da Linguagem. (Foto: Eduardo Kalif. Arquivo Dina Oliveira).



Em Rennes. Outono de 1996: Michel Riadel e Bené.



A cunhada, Angelita Silva (Dadá).



Encontros de Poesia, (que continuam a acontecer) na casa da Estrela: Max Martins, Benedito Nunes, Sónia Parente, M. Sylvia, Augusto Rodrigues, Lília Chaves, Andréa Sanjad, Gilberto Chaves. (Arquivo pessoal Lília Chaves).



Maria Sylvia, Benedito e Lionel Vianna, França. Outono de 1996. (arquivo pessoal Maria Sylvia Nunes).





Palestra no CCFC - Centro de Cultura e Formação Cristã.  
(Foto Stella Pessôa).



Bendito Nunes e Clóvis Malcher, no lançamentos dos  
“Diálogos” de Platão, UFPA. (Reprodução de *Benedictus* - UFPA).



Prêmio Multicultural Estadão. São Paulo, 1998.



Recebendo o abraço de Rosa Assis: Patrono do IV Fórum  
Paraense de Letras da UNAMA, junho de 1998.  
(Arquivo pessoal Rosa Assis).



Bené e Maria Sylvia, na biblioteca da casa da Estrela.  
(Foto de Elza Lima. Arquivo pessoal).



Victor Pinheiro, Lília Chaves e um aluno, com Benedito, em Seminário no  
CCFC, Ananindeua. PA, 2008.

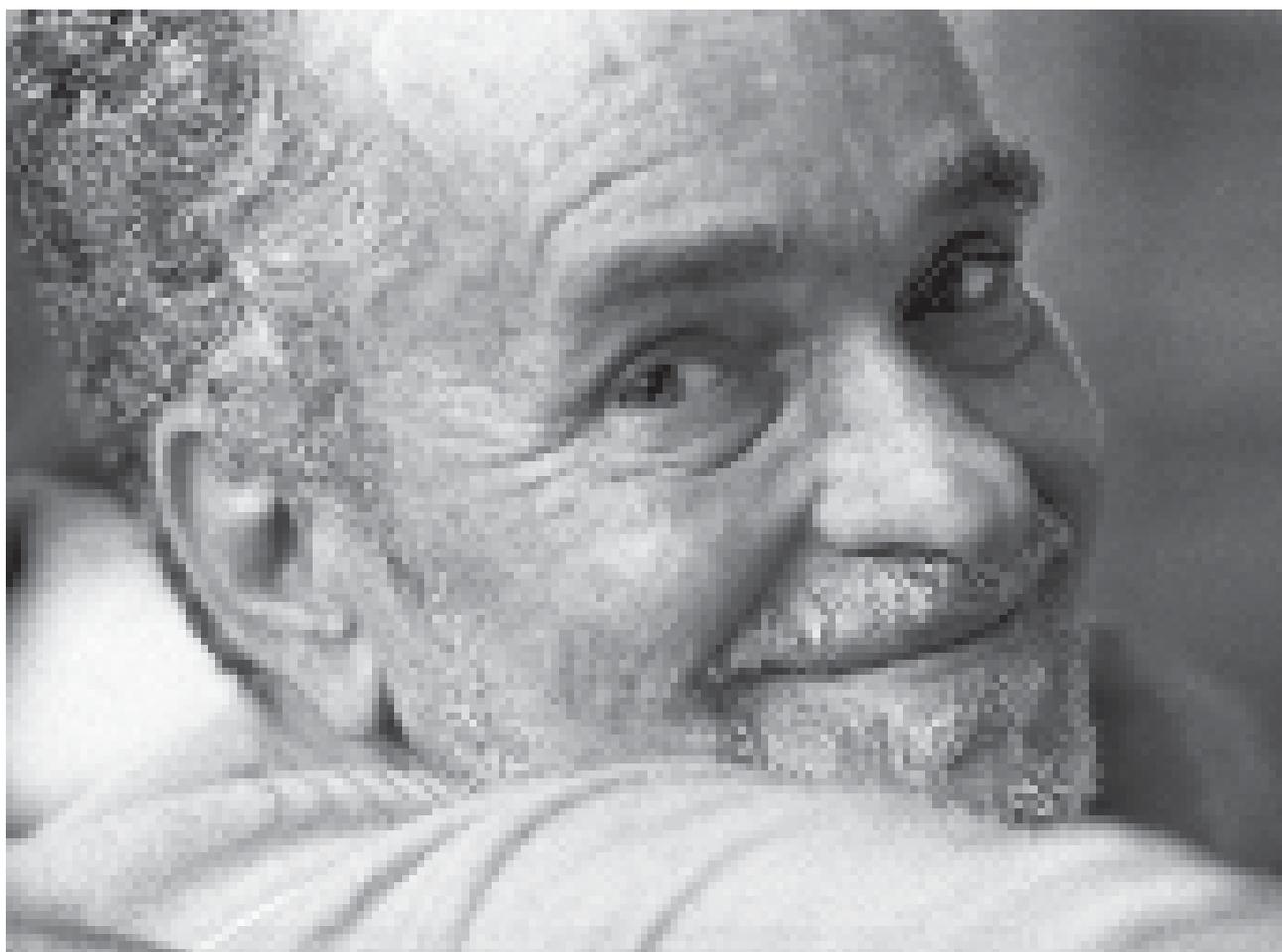


Foto Luiz Braga.



## Building a Self-Directed Learning Environment

For many years, the Hau Center has been a leader in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments.

The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments.

The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments.

The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments. The Hau Center has been a pioneer in the development of self-directed learning environments.

